

## **Leituras e cultura em pauta na (in)formação do jornalismo cultural**

**Margareth Assis Marinho\***

### **Resumo**

Este texto pretende refletir sobre um dos maiores problemas do brasileiro: a falta de leitura. Discute as práticas de leituras significativas/reflexivas que levam o homem a se apropriar de sua cultura e sua cidadania. Apresenta trabalhos desenvolvidos com os alunos de comunicação: estudos culturais para mostrar que o jornalismo cultural, que muitas vezes busca unicamente o nível superficial de nossa atenção, pode perpassar para uma comunicação cultural que alie informação, crítica e entretenimento.

### **Palavras-chave**

Leitura, cultura, formação, jornalismo cultural.

A formação do estudante em jornalismo cultural é um tema que perpassa por discussões e críticas, além de abrir precedentes para estudos e reflexões sobre um dos assuntos mais discutidos nas escolas brasileiras: a questão da leitura.

Constata-se que a maioria dos jovens que ingressam nas universidades não tem o nível de leitura necessário para a reflexão e mesmo para o entendimento dos textos ali trabalhados.

Essa deficiência, que aparece nas séries iniciais, se traduz em falta de conhecimentos e de aceitação das inquietações sociais, interferindo até na recepção dos conteúdos veiculados pelas mídias impressa e audiovisual.

Podemos afirmar, sem medo, que um dos maiores problemas do brasileiro é a falta de leitura. Dele decorrem, em primeira ou última instância, problemas econômicos, políticos, culturais, sociais etc.

Trato aqui não apenas da leitura decodificação de sinais, mas da leitura significativa, reflexiva, que leva o homem a se apropriar de sua cultura e sua cidadania. Educação vinculada à cultura, ao prazer de entender e aprender.

O ensino desinteressante e repetitivo da maioria das escolas – da educação infantil às universidades – tem desestimulado crianças e jovens brasileiros que seriam bem mais felizes em uma escola instigante e que ensinasse a “aprender a aprender”. São gerações passando por um ensino que prioriza o conteúdo, visando ao vestibular, em detrimento da leitura, do pensamento, da arte...

Partindo do pressuposto da “falta de leitura” em todos os níveis, encontramos a falta de gosto pela leitura. O que não se faz com prazer não será legitimado em saber. Serão leituras abstraídas e não só da palavra, mas também da música, do filme, da conversa, do diálogo que será abortado antes até de ser concebido.

Os alunos precisam ler, porém, não em quantidade. É preciso dar um sentido maior à leitura. “Leitura de mundo”, segundo Paulo Freire (1999), mas lembrando também de Gramsci (1968), que afirma que o homem é um ser cultural, constituído nas relações sociais e na história.

Leitura e cultura – vocábulos que se confundem além das duas últimas sílabas. E já que o homem é biologicamente cultural e culturalmente biológico, como explica Padilha (2001), a escola só se tornará vivência de plenitude humana quando entender que não pode viver só de educação. É necessário se apropriar dos meios e da cultura que nos cercam, sentir o movimento do tempo e do espaço com tudo que os envolve. Ler o nosso entorno.

Ler para aprender a pensar por si só, a questionar, relacionando sua existência ao sentido que lhe é devido. Segundo Kastrup (2000), deve-se entender a prática da leitura como prática cognitiva. A autora se baseia no conceito de Varela (s/d) “conhecer = fazer = ser” e explica que:

“(…) a cognição é um fazer, uma prática, uma ação. Não agimos para conhecer ou conhecemos para agir. Conhecimento e ação são um mesmo processo. A ação cognitiva tem também uma dimensão ontológica, identificando o fazer e o ser. Ao agir, o sistema conhece e ao mesmo tempo produz-se, produzindo concomitantemente o próprio mundo.” (Kastrup, 2000)

Os estudos de Kastrup (2000) vão além e colocam as práticas de leitura de acordo com Foucault (1988 apud Kastrup, 2000). Em sua obra o conceito de prática é complexo, “pois uma mesma prática é portadora de três dimensões: é ao mesmo tempo prática de saber, de poder e de si. (...) Enquanto as práticas de saber envolvem uma relação com as coisas e as práticas de poder uma relação com as pessoas, as práticas de si envolvem uma relação consigo mesmo”. Foucault (1988 apud Kastrup, 2000) explica que as práticas de si é que permitem aos indivíduos, sozinhos ou com a ajuda de outros, agir sobre seu corpo e sua alma, sobre seus pensamentos, sua conduta ou qualquer forma de ser, levando-os à transformação de si mesmos.

Para Leontiev (1978), cada indivíduo aprende a ser um homem. Mas “o que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana”. É o homem como um ser inconcluso que, segundo Freire (1999), está em “permanente movimento de busca do ser mais (...) é na ação

cultural, através de uma educação problematizadora, que se re-faz constantemente na práxis, que o homem pode *estar sendo* para ser mais” (p. 72).

Por meio das práticas de leitura, além da decodificação de sinais, é que o ser humano adquire saber, poder e aprende a ser. O que significa que a leitura isolada e simples se diferencia das práticas de leitura que, atuando em sistema de troca com os conhecimentos – empíricos, científicos, filosóficos e teológicos – (e)levarão à aquisição da cultura nas diversas dimensões do ser.

Cultura e educação adquiridas e fundamentadas por meio da “permutabilidade-potencialidade” tão bem expressas por Marco Silva (2000, p. 138). “Na literatura, especialmente, as expressões ‘arte permutatória’ e ‘literatura potencial’ são conhecidas como modalidades de escritura que buscam a liberdade criadora, a liberdade expressiva, a partir do aleatório, do probabilístico, do indeterminado (...)”. Precisamos de alunos e de professores interagindo e construindo conhecimentos.

Detectado o “iceberg” que vem desmoronando sobre nossas cabeças há tempos, não adianta permanecer na mesmice de procurar os culpados. É necessário buscar soluções eficazes, simples, e que falem na mesma frequência dos alunos.

Trata-se, portanto, de repensar o sistema educacional brasileiro, criando formas de chegar às leituras necessárias para a formação do leitor. Encontramos então o professor, um personagem imprescindível que, segundo Morin (apud Silva, 1993, p. 226), “pode inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modo de pensamento”.

É o professor que pode, em sala de aula, “garantir a confrontação coletiva e a aprendizagem, atentando para a teia de interações constituída por ele mesmo, pelos alunos, conteúdos curriculares e instrumentos pedagógicos (meios de comunicação, equipamentos de ensino etc.). Ao mesmo tempo, garante a materialidade da ação comunicacional disponibilizando e provocando a participação livre e plural, o diálogo e a articulação de múltiplas informações e conexões” (Silva, 2000, p. 180).

Com a intenção de ser um provocador da participação livre e plural, tenho trabalhado com alguns projetos nas turmas de 1º, 2º, 3º e 7º períodos, promovendo a interatividade e a leitura significativa. Leitura que o aluno de comunicação social, principalmente, deve ter se quiser se tornar apto a transmitir uma mensagem adequada e coerente com o contexto em que for proposto.

Na disciplina Comunicação, Cultura e Sociedade, do 1º período, riquíssima em multiconexões, já realizamos cinco edições da Mostra Kitsch de Cultura Popular. Após trabalhar o tema em sala de aula, os alunos passam a organizar a mostra desde o convite e os cartazes kitsch ao desfile de moda. Na

própria sala, ornamentada ao estilo, cabem o Museu Kitsch, com peças trazidas de casa pelos alunos, a mesa de comidas e recipientes que se encaixam no estilo e a passarela para o desfile dos alunos vestidos a caráter, com a leitura dos textos produzidos para o evento, ao som de música propícia.

O trabalho objetiva fazer os alunos entenderem que existem conceitos entre o simples e o extravagante que se perdem na movimentação do tempo e do espaço. A temporalidade e a territorialidade se tornam hoje foco de estudos – na tentativa de substituir conceitos, modelos e maneiras de compor a vida – que se atrelam à indústria cultural e institucionalizam estereótipos, confundindo mecanismos de desejos e estímulos de cada cidadão.

Sem prescindir de avaliações estéticas, o jornalismo, inclusive o cultural, precisa ter conhecimento dos fenômenos sociais e sua circulação tanto mais quanto a indústria cultural se firme. Segundo Eco (1979, p. 84), “à medida que a sociedade é invadida por mensagens comestíveis e consumíveis sem fadiga”, emite uma série complexa de finalidades como a satisfação do gosto, abolindo a contradição entre a arte e a comunicação. Eco situa aqui o kitsch como o que surge já consumido, tranquilizando o consumidor/(tel)espectador, “convencendo-o de ter realizado o encontro com a cultura, de modo que não venha ele sentir outras inquietações” (1979, p. 84).

Arte, comunicação e tecnologia são objetos de estudo que dão continuidade às práticas de leitura na disciplina História da Arte, Tecnologias e Imagens, do 2º período. Cibercultura, interatividade, hipermídia, realidade virtual, espaços intersemióticos, imagens e identidade; enfim, arte e tecnologia no século XXI em busca de “humanização”, parafraseando Diana Domingues (1997). Ela coloca a arte e a tecnologia como história de uma ampla transformação cultural, redefinindo relações, espaços e ritmos da vida cotidiana.

Sem falar na arte da combinatória em que a “obra”, segundo Arlindo Machado (1997), se realiza exclusivamente no ato da leitura. É a hipermídia e suas possibilidades articulatórias no texto verbo-audiovisual. Para o autor, não se trata mais de um texto, “mas de uma imensa superposição de textos”, (p. 146) que se pode ler na direção desejada.

É com base nos conceitos que se desejam e nas atribuições que lhes correspondem que as novas tecnologias apropriadas por cada indivíduo se impõem. Segundo Quéau (1996, p. 123), “como simples instrumentos de criação incontornáveis, da mesma maneira que uma goiva, um *crayon*, um pincel ou um pigmento”.

Mais um caminho de leituras que indico a meus alunos para um trabalho de (re)leitura das obras de arte de todos os tempos: cada equipe escolhe um autor ou obra e estuda-os para uma nova produção.

Como futuro repórter, é necessário que o estudante de jornalismo aprenda a pesquisar, a se informar para ser hábil em transmitir as informações. Com maior embasamento, é mais fácil evitar as tradições estilísticas que fazem do jornalismo cultural, em muitos veículos, apenas um “colunismo cultural” ou uma “crítica social”.

Os alunos (re)definem as leituras por meio de imagens apresentadas plasticamente ou digitalmente, contextualizando obra/tempo/espço. Ao término das semanas de apresentações, os trabalhos são expostos em uma galeria do Tablado, bar e restaurante localizado num dos bairros que ficam no caminho da faculdade. Para a inauguração da mostra, com o tema Olhares Ávidos e Intervenções, mais uma vez os alunos se articulam para a organização da exposição, na criação de convites, de releases para a mídia local e de textos que vão desenvolver as leituras indispensáveis para o jornalismo cultural.

Retornamos ao ponto de partida deste texto: a falta de leitura. “Quem lê mais sabe mais”, diz o dito popular. O que nos leva a inferir que quem lê mais provavelmente escreve melhor, pois teria mais subsídios, argumentos e estaria mais apto a entrelaçar divulgação, informação e crítica.

Fazer os alunos se interessarem pela leitura, lendo e produzindo textos de qualidade, é o objetivo principal do projeto Roda de Leituras, desenvolvido nas disciplinas Língua Portuguesa I e III. Trata-se de um exercício sobre narração, descrição e dissertação. Por meio do registro escrito de suas experiências, os alunos constroem suas histórias, que são lidas e/ou dramatizadas em uma grande roda no pátio atrás do prédio da faculdade – quando fazemos uma fogueira no centro da roda – ou na cantina, que é um espaço aberto a todos os estudantes e professores. Os alunos apresentam suas histórias, exercitando a leitura com imaginação e sensibilidade. E não há quem não goste de ouvir uma boa história.

As primeiras histórias contadas foram ao redor do fogo e desde então se tornou um ato social reunindo as pessoas em uma escuta afetiva e efetiva. É um momento de expressão do simbólico, “mediado pela ritualidade ancorada na palavra, no olhar, na escuta, no movimento tosco: as gramáticas da ação, de Martín-Barbero” (Busatto, 2000, p. 41). Momento mágico, de fruição artística, por meio das leituras que cada história propicia.

Ainda na linha de exercícios que estimulam a leitura e a aquisição de cultura, está o trabalho com paráfrases de músicas, em Língua Portuguesa III, no 3º período. Divide-se a turma em equipes de três alunos, que devem escolher uma música popular brasileira, pesquisar e estudar seu(s) autor(es), o contexto histórico em que ela foi escrita, e criar uma outra “versão”, parafrazeando a partir de um tema atual e polêmico.

Cada equipe apresenta sua pesquisa para a turma, fazendo as explicações necessárias, e canta a música com o auxílio de alguns instrumentos, como violão e pandeiro. Com criatividade e utilizando recursos simples, os alunos improvisam um cenário de bar, por exemplo, e fazem da experiência uma leitura crítica e descontraída.

No 7º período, na disciplina Produção e Difusão em Jornalismo Impresso II, é o momento de reunir em um trabalho muitos dos conhecimentos adquiridos até aqui. Cada grupo de alunos define e faz uma revista, impressa em gráfica, com todas as características inerentes ao veículo, registrando todos os passos, desde as reuniões de pauta até a edição final. As revistas, temáticas ou de variedades, enunciam o aprendizado e a prática do jornalismo em todas as suas instâncias, principalmente a cultural. A leitura e a análise das revistas são realizadas em conjunto por toda a turma, que lê cada material e faz a apreciação devida.

São estudos culturais na tentativa de mostrar que o jornalismo cultural, muitas vezes direcionado para uma visão passiva e acrítica da sociedade, buscando unicamente o nível superficial de nossa atenção, pode perpassar para uma comunicação cultural que alie informação e crítica com entretenimento e lazer.

Pesquisadores como Umberto Eco (1979) questionam as superficialidades dos meios de comunicação de massa que:

“(…) de saída, viciam a nossa atitude, e por isso, mesmo uma sinfonia, ouvida através de um disco ou do rádio, será fruída do modo mais epidérmico, como indicação de um motivo assobiável, e não como um organismo estético a ser penetrado em profundidade, mediante uma atenção exclusiva e fiel” (p. 41).

Claro que muitos fatores vão reduzir, ou ao menos tentar reduzir, a comunicação à homogeneidade, colocada dentro do circuito comercial que, como explica Eco (1979), segue as leis de uma economia baseada no consumo e sustentada pela ação persuasiva da publicidade.

Essa questão não pode se esvaziar na “ideologia dominante” ou no “fatalismo da lógica mercantil”. É preciso “ler” além. No século tecnológico em que vivemos, podemos simplesmente assistir ou participar das evoluções da comunicação. Lendo a história é fácil entender, como explica Martín-Barbero (2003), que a classe hegemônica tornou a cultura um “espaço estratégico para reconciliação das classes e a reabsorção das diferenças sociais”. Para o autor, “as invenções tecnológicas no campo da comunicação acham aí sua forma: o sentido que vai tomar a sua mediação, a mutação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa” (p. 203).

Martín-Barbero (2003) mostra que as modalidades de comunicação inauguradas pelas invenções tecnológicas só foram possíveis na medida em que:

“(...) a tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e novos usos. Estamos *situando* os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante a partir de um certo momento – os anos 1920” (p. 203).

São essas leituras reflexivas que proponho aos alunos do curso de comunicação social: deslocar a análise dos meios de comunicação até as mediações sociais. Não é possível estudar essa matéria desligada do seu motor: a cultura. Leitura e cultura tornam-se, assim, a alavanca não só do jornalismo cultural, mas de todas as compreensões e discussões das diversas disciplinas que vão fazer dessa especialidade mais que divulgação.

A sociedade precisa de bons profissionais em todos os campos e muito mais de ótimos repórteres – e não apenas críticos – para renovar as leituras e correspondências – estas últimas para despertar e não apenas entorpecer. Não para encerrar, pois o tema é inesgotável, faço por fim uma leitura poética, da qual não podemos prescindir, baseando-me em Gaston Bachelard (1996):

“Sim, realmente sonhamos quando lemos. O devaneio que trabalha poeticamente nos mantém num espaço de intimidade que não se detém em nenhuma fronteira – espaço que une a intimidade de nosso ser que sonha à intimidade dos seres que sonhamos. É nessas intimidades compósitas que se coordena uma poética do devaneio. Todo o ser do mundo se reúne poeticamente ao redor *cogito* do sonhador” (p. 156).

Pretendo “habitar o território da leitura” pela minha eternidade e “experimental as bifurcações cognitivas” tão bem colocadas por Kastrup (2000) ao afirmar que “essas práticas de leitura constituem, neste sentido, uma fonte da invenção de si e do mundo, ou seja, uma espécie de matéria-prima do processo de invenção”.

### **Referências bibliográficas**

- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DOMINGUES, D. (Org.). *A arte no século XXI – a humanização das tecnologias*. São Paulo: Unesp, 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- FOUCAULT, M. Tecnologia del yo y otros textos afins. Barcelona: Paidós/ICE-UAB. 1988. In: KASTRUP, V. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (49), 4, 1998. p. 108-122.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- KASTRUP, V. Sobre livros e leitura: algumas questões sobre aprendizagem em oficinas literárias. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF* (12), 1, 2000. p. 75-94.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- MACHADO, A. M. *Pré-cinema e pós-cinema*. Campinas (SP): Papirus, 1997.
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MORIN, E. Apud: SILVA, J.M. (Org.). *O pensamento do fim do século*. Porto Alegre: L&M, 1993.
- OLIVEIRA, M.A. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- PADILHA, A.M.L. *Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- QUÉAU, P. & SICARD, M. Novas imagens, novos olhares. In: SCHEPS, R. (Org.). *O império das técnicas*. Campinas: Papirus, 1996. p. 115-126.
- SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- VARELA, F. *Conhecer*. Ciências cognitivas: tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

\* **Margareth Assis Marinho** é mestre em comunicação e cultura pela UFRJ, bacharel em comunicação social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e tem licenciatura plena em língua portuguesa pela Fundação Educacional Rosemar Pimentel (Ferp), em Volta Redonda/RJ. É professora-adjunta da Universidade Presidente Antonio Carlos (Unipac), em Juiz de Fora/MG, desde 2001, em comunicação social. Professora da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, atua no Departamento de Políticas de Formação da Secretaria de Educação desde 2005. Escreveu o livro infantil *A Tia Míope* (2006).